

**Comunicação de
Supachai Panitchpakdi,
Secretário-Geral da UNCTAD,
na Conferência Mundial do Café da OIC**

Cidade da Guatemala, 26 de fevereiro de 2010

COMO PREPARADA PARA PROFERIR

Senhor Presidente,
Excelências,
Senhoras e Senhores,

Permita-me em primeiro lugar agradecer a Vossa Excelência, Senhor Presidente, o convite que me fez para participar desta Conferência, que congrega a maior gama possível de partes interessadas que trabalham com o setor e no setor cafeeiro.

Vou falar principalmente sobre o impacto dos produtos básicos e, em particular, do café no desenvolvimento econômico e social dos países em desenvolvimento mais pobres. A meta de toda atividade econômica deveria ser alcançar um nível de desenvolvimento socialmente benéfico, não-prejudicial ao meio ambiente e economicamente sustentável. Vou também sublinhar várias áreas onde a atual crise econômica está exercendo um efeito transformador na economia dos produtos básicos.

Produtos básicos como o café proporcionam muitas oportunidades econômicas para os países em desenvolvimento, mas também os expõem a diversos riscos. Historicamente, tem havido um declínio das relações de troca desses produtos, em comparação com as dos produtos industrializados, e os cafeicultores e exportadores de café podem confirmar esta tendência. Para muitas commodities, há menos oportunidades de aumento da produtividade do que na atividade manufatureira, e para muitos exportadores tem sido relativamente mais difícil agregar valor ao respectivo produto primário e se posicionar em pontos mais altos da cadeia de valor. Embora haja exemplos de áreas em que isso está mudando, em muitos casos os países não têm se beneficiado do potencial de seus produtos básicos, continuando dependentes da expansão da demanda nos países importadores para manter suas receitas e relações de troca.

A dependência em relação aos mercados externos torna os países em desenvolvimento exportadores de commodities em geral mais vulneráveis às flutuações dos preços internacionais. Com respeito ao setor cafeeiro, isso é menos pronunciado no caso dos exportadores de maior vulto – Brasil, Vietnã, Colômbia –, para os quais o café representa uma parcela relativamente pequena de todos os produtos exportados. Mas produtores como a

Etiópia, em cuja pauta de exportação o café tem uma participação de quase 40%, são potencialmente mais vulneráveis aos choques de preços e problemas com o balanço de pagamentos. Mesmo para os exportadores de maior vulto, restam perguntas importantes a fazer sobre a diversificação e o desenvolvimento tanto dos produtos como dos mercados – em particular, o crescimento do mercado interno e a captação de mais valor mediante introdução de processos e produtos do café.

O desenvolvimento dos mercados internos em todos os países exportadores tem sido focalizado desde o começo da atual crise econômica global, que causou a queda mais acentuada da demanda internacional desde a Segunda Guerra Mundial. A crise, além disso, abalou as políticas orientadas para o crescimento para exportar. Esse quadro tem especial relevância para os países em desenvolvimento, de cujo PIB as exportações freqüentemente são uma parcela significativa, e é ainda mais relevante para os produtores de commodities que dependem da demanda externa. Para os países que, para crescer, dependem dos mercados de exportação, a crise tem constituído um incentivo a considerar o desenvolvimento tanto dos mercados internos quanto regionais. No caso do café, as taxas de consumo global são muito mais baixas nos países produtores, sugerindo que nesses países existe grande potencial para o desenvolvimento do consumo interno.

A crise econômica também pôs em evidência a vulnerabilidade dos exportadores de produtos básicos às atividades especulativas. Na segunda metade de 2008, quando o mercado subprime veio abaixo, os especuladores procuraram novas oportunidades de investimento em diferentes tipos de bens. Os produtos básicos foram o alvo seguinte, e uma série de picos de preços dos produtos básicos agrícolas e energéticos foram estimulados, em parte, por posições especulativas em diversos mercados de derivados. Mais recentemente, vimos o açúcar se tornar o alvo da atividade especulativa e, no passado, o café sofreu pressões semelhantes. Para os produtores, o problema da especulação é que ela cria falsos sinais e expectativas de preços para a produção futura, que acabam desestabilizando a oferta e podem redundar num colapso dos preços.

Muitos produtos financeiros e de hedging baseados no mercado podem ajudar os produtores a se desvencilhar de alguns riscos da produção e da volatilidade, mas também podem ser distorcidos por excessos especulativos. Esses excessos podem repercutir de forma desastrosa nas condições de vida dos agricultores, e é legítimo indagar se se deveria permitir que eles continuem. Isto é especialmente relevante para o setor cafeeiro, que em muitos países produtores se caracteriza pela produção a cargo dos pequenos lavradores.

Nos últimos 30 anos, a desregulamentação e falta de transparência dos mercados financeiros e de produtos básicos contribuíram para o aumento da volatilidade dos preços das commodities. É importante que o monitoramento e a regulamentação das atividades especulativas se tornem mais rigorosos na esteira da crise econômica e dos movimentos erráticos dos preços dos produtos agrícolas e energéticos recentemente. São bem-vindas

propostas que estão sendo apresentadas no momento para o controle internacional das atividades especulativas, sobretudo nas esferas monetária e dos produtos financeiros. Essas propostas, contudo, precisam ser coordenadas entre países e setores, para não permitir que os especuladores explorem oportunidades de arbitragem, seja entre tipos de bens, seja entre países e regiões. Um pacto desse tipo, tendo em mira os efeitos distorcivos da especulação de grande escala em diferentes esferas, é absolutamente crucial para a estabilidade nos mercados de produtos básicos e para a criação de uma estrutura mais ampla para a globalização, com potencial de elevar os padrões de vida de todos.

Juntamente com as mudanças de orientação dos produtos e mercados e com a especulação, outra característica da atual crise econômica global que poderia ter grande impacto na produção de commodities é um reconhecimento mais amplo do papel do Estado no apoio à atividade econômica. Há pouco testemunhamos o papel do Estado no resgate dos setores bancário e manufatureiro e na criação de estímulo fiscal anticíclico para escorar a demanda em muitos países. Mas o papel do Estado deveria ir além da provisão de redes de segurança para os mercados, a indústria e o emprego.

No âmbito das reformas da política macroeconômica nas três últimas décadas, infelizmente houve uma retração do Estado no setor agrícola – na comercialização agrícola em particular – da maioria dos países produtores de café. Na seqüência da crise atual, esta tendência exige atenção. Especialmente necessário é o apoio técnico para ajudar os produtores e os países produtores a avançar em áreas como, por exemplo, a implementação de melhores práticas de gestão e comercialização ligadas à qualidade; os requisitos técnicos e de sustentabilidade; o aumento de oportunidades para procurar meios de subsistência diversificados; o fortalecimento de organizações de produtores; a melhoria do acesso ao crédito; e a melhoria do acesso a instrumentos de gestão de risco.

Condições de mercado em rápida mudança exigem intervenções de assistência técnica oportunas e especificamente direcionadas. Com a remoção de instituições e recursos locais, torna-se cada vez mais necessária a formalização, pela comunidade internacional, de compromissos para a provisão de assistência, de modo a preencher as lacunas deixadas pelos atuais serviços de financiamento e extensão nas áreas que mencionei. Mesmo que as entidades baseadas nos países possam individualmente proporcionar financiamento mais precisamente direcionado e mais flexível, esses esforços são vulneráveis a ineficiências como a duplicação e o intercâmbio insuficiente de informações entre projetos. Dada a natureza sistêmica e global de muitos dos problemas com que os produtores de café se deparam, também existe potencial para maior eficiência na concepção e implementação de projetos de assistência técnica entre doadores e responsáveis pelo desenvolvimento de projetos a nível global. Acreditamos que esta seja uma área onde tanto a OIC quanto o Fundo Comum para os Produtos Básicos poderiam atuar.

Outro aspecto da crise econômica global que afetou os produtos básicos e que eu gostaria de mencionar é a contração e os custos mais altos do crédito. A natureza sazonal da produção cafeeira torna o acesso ao crédito um aspecto necessário da produção, à semelhança do que ocorre com muitos outros produtos básicos agrícolas. A facilitação de crédito aos produtores e organizações de produtores é necessária em diversas áreas, entre as quais: financiamento pré-colheita e capital de giro sazonal; desenvolvimento da infra-estrutura; diversificação; financiamento de débitos; e gestão de risco. Melhor acesso ao crédito, particularmente para os produtores que estão tentando entrar em mercados novos e diferenciados, poderia estimular a diversificação de produtos e do mercado de exportação no setor cafeeiro e, com isso, a sustentabilidade geral. Embora diversas instituições de crédito especializadas hoje existam, o apoio para possibilitar seu uso por produtores e instituições financeiras locais é limitado. Um portal centralizado de informações relativas aos serviços financeiros poderia gerar eficiências tanto para os produtores quanto para os mercados financeiros que os servem.

Um dos principais incentivos para a cooperação internacional no setor cafeeiro é um interesse compartilhado pela estabilidade de longo prazo do mercado. Face aos enormes desafios políticos e econômicos identificados com o controle de preços através de gestão da oferta, deveriam procurar-se outros meios, baseados no mercado, de promover a estabilidade. Os torrefadores e comerciantes do setor privado há muito tempo se valem de instrumentos de gestão de risco e outros instrumentos de comércio especializados. Esses instrumentos, porém, em grande parte fogem ao alcance da maioria dos produtores, devido a falta de capital, conhecimentos e infra-estrutura técnica. Assistência e treinamento para o uso de instrumentos de gestão de risco através de um serviço especial de gestão de risco poderiam oferecer um método favorável ao mercado de fortalecer a sustentabilidade da produção diante da volatilidade do mesmo.

O último aspecto da atual crise econômica que eu gostaria de destacar, pois afeta a economia dos produtos básicos, é o acentuado declínio de investimento direto estrangeiro (IDE) das corporações transnacionais (CTNs). Os fluxos de IDE caíram entre todas as regiões, de um auge de US\$2 trilhões em 2007 para um total estimativo de menos de US\$1,2 trilhão em 2009. No entanto, entre 1990 e 2007, os fluxos de IDE na produção agrícola triplicaram de US\$1 bilhão para US\$3 bilhões por ano. Embora esses fluxos sejam bastante pequenos em relação aos fluxos gerais de IDE, eles representam uma enorme fonte de financiamento para muitos países de baixa renda onde a agricultura responde por uma parcela relativamente grande das entradas de IDE. Além disso, o IDE em toda a cadeia de valor da agricultura – da fazenda ao supermercado – é muito mais alto, e entre 2005 e 2007 só os alimentos e bebidas responderam por mais de \$40 bilhões em fluxos anuais.

A participação das CTNs na agricultura pode ter efeitos tanto positivos quanto negativos nos países em desenvolvimento. Do lado negativo, os governos terão de cuidar, em particular, de questões ambientais e sociais associadas com o envolvimento das CTNs como, por exemplo,

a pressão sobre os pequenos lavradores para deixarem suas terras, que pode criar desemprego; a usurpação de terras; a remoção de populações indígenas e a dependência excessiva das CTNs.

Do lado positivo, o envolvimento das CTNs pode resultar na transferência de tecnologia, padrões e capacidades, bem como em empregos e acesso ao mercado, e isso tudo pode melhorar a produtividade do setor e da economia como um todo. As CTNs podem explorar potenciais economias de escala, tornando mais acessíveis os preços dos produtos básicos agrícolas; podem também veicular conhecimentos sobre padrões e mercados. Todos esses fatores, porém, dependem da adoção, pelos países hospedeiros, de políticas corretas que maximizem os benefícios e minimizem os custos da participação das CTNs.

Senhoras e Senhores,

A economia dos produtos básicos tem ajudado muitos países a lograr crescimento econômico e apoiar esforços para a redução da pobreza. Ao mesmo tempo, a crise atual tem realçado a contínua vulnerabilidade dos países dependentes de produtos básicos em relação à demanda externa e às flutuações de preços. Para assegurar a sustentabilidade da produção e da exportação de commodities – como o café – os países precisarão encontrar meios de diversificar tanto seus mercados quanto seus produtos e aprender como se beneficiar de conhecimentos tecnológicos e de negócios. Pode haver meios de tirar proveito dos aspectos positivos do envolvimento de CTNs na produção, exportação e comercialização. No plano internacional e em vista da crise econômica, tanto os governos quanto as organizações internacionais poderiam fazer mais para monitorizar e regulamentar a economia dos produtos básicos e os mercados financeiros. A volatilidade dos preços dos produtos básicos está debilitando a capacidade dos países em desenvolvimento de desenvolver sua base de capital e de diversificar para outros setores, mantendo muitos deles num estado de dependência em relação aos produtos básicos. Acresce que a volatilidade dos preços afeta desproporcionadamente os que estão na base da cadeia de valor, que só têm o mais reduzido poder de barganha: os produtores primários, portanto, tendem a absorver a maior parte das quedas de preços e, não obstante, só tiram o mínimo proveito das altas de preços, sobretudo nos países em desenvolvimento mais pobres. O encontro de meios de ajudar os países a se posicionar em pontos mais altos da cadeia de valor pode, assim, ajudá-los a reagir melhor à volatilidade dos preços. Pode também contribuir para promover a sustentabilidade dos produtos básicos para os países em desenvolvimento.

Espero que os resultados desta Conferência ofereçam às partes interessadas do setor cafeeiro – agricultores, governos e o setor privado – algumas orientações úteis para a consecução da sustentabilidade do setor cafeeiro mundial no futuro.

Muito obrigado.